

Sumário

Prefácio – Como um presente bonito que recebemos.....	7
<i>Maria Alice Vassimon</i>	
Introdução – Tendências atuais no campo das intervenções e da aplicação do sociodrama como método	13
<i>Heloisa Junqueira Fleury e Marlene Magnabosco Marra</i>	
1. O modelo contemporâneo de sociodrama brasileiro.....	19
<i>Zoltán (Zoli) Figusch</i>	
2. Rito de passagem: encontro do valor da vida.....	42
<i>Adelsa A. L. da Cunha e Marília J. Marino</i>	
3. Jogo de fazer diálogos: algumas reflexões sobre um grande grupo	62
<i>Cida Davoli e Pedro H. A. Mascarenhas</i>	
4. Sociodrama durante emergências sociais.....	76
<i>Dalmiro Bustos e Marisa Nogueira Greeb</i>	
5. O grupo de ressonância	95
<i>Marlene Magnabosco Marra e Heloisa Junqueira Fleury</i>	
6. 17 de abril de 1984: de lá para cá, muita água rolou!	109
<i>Regina Fourneaut Monteiro e Terezinha Tomé Baptista</i>	
7. Dois momentos sociodramáticos.....	123
<i>Sergio Perazzo e Luís Falivene R. Alves</i>	

8. Depoimento sobre psicodrama público no Centro Cultural São Paulo..... 137
Wilson Castello de Almeida e José Roberto Wolff
9. A arte de não interpretar interpretando: a construção de dramaturgias ancoradoras na formação de psicodramatistas..... 150
Milene Féo e Anna Maria Knobel
10. Inclusão social e sociodrama 181
Maria da Penha Nery e Marlene Magnabasco Marra
11. Diversidade cultural e construção de significados..... 201
Marlene Magnabosco Marra, Liana Fortunato Costa e Marilene Grandesso

Como um presente bonito que recebemos

O CONVITE DAS ORGANIZADORAS Marlene Marra e Heloisa Fleury para escrever o prefácio deste livro me trouxe muito prazer. Dois motivos tocaram meu coração de imediato: a confirmação de um caminho de luta, trilhado desde 1973, na construção de uma sociedade mais humana, e a estrutura sociodramática do próprio livro.

O Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos (Getep), escola de formação em psicodrama e sociodrama, foi criado em plena ditadura militar. Na ocasião, percebemos que o psicodrama seria um instrumento revolucionário e que deveria ser posto a serviço da grande maioria.

Trilhar diferentes caminhos é encontrar uma diversidade de pessoas.

Sabemos que nossos olhos enxergam com base em nossa história, em classe social, no local onde moramos e naquilo que validamos. É imensa a necessidade de encontrar o outro, vários outros. E de ouvi-los, ouvi-los, ouvi-los. Precisamos criar condições para que cada um possa situar-se no mesmo degrau, o mais perto do chão: no degrau do humano. Senão, nos permitiremos dizer que “o povo brasileiro é preguiçoso”, “o homem que mora na rua quer ficar na rua”, “o favelado deveria gastar dinheiro no que é necessário; e por que compra televisão?”

Tenho certeza de que nenhum profissional psicodramatista guarda todas as notas de compra daquilo que possui para mostrar aos policiais, se porventura entrarem em sua casa. Numa favela na Zona Leste de São Paulo, no entanto, esse procedimento é comum. “Tudo que tenho aqui no meu barraco não roubei.”

O sociodrama desloca o sociodramatista da relação “eu e o outro”, origem de nossa vida afetiva. E exige um amadurecimento “eu e os outros”. Ser cidadão é ser capaz de encontros de qualidades com muitos.

Assim nos abrimos para ouvir a voz do grupo e a voz de cada um no grupo.

Ouvimos o que é dito sem nos contorcemos, como um presente bonito que recebemos, ainda que o conteúdo seja muito diferente daquilo que pensamos. De outro modo, nos comportaríamos como ignorantes, e os grupos olhariam as soluções para resolver “a vida deles” sem nos levar a sério.

O segundo motivo instigante para escrever este prefácio é a estrutura sociodramática do livro.

As organizadoras, em seu desejo de ouvir a voz de muitos, convidaram um grupo de profissionais para que cada um, inclusive um estrangeiro, falasse sobre o sociodrama brasileiro. Há diversidade também na estrutura dos textos: diversidade de maneiras de expressão e riqueza colorida no espaço do saber.

Há os capítulos mais teóricos. Trazem um leque de implicações ao redor do tema, metodologia sociodramática. É uma grande conversa que nos ajuda a encontrar as pessoas e a refletir sobre essa metodologia revolucionária.

Há os capítulos que partem da ação concreta e nos convidam a participar da intimidade do trabalho de cada profissional. Quando o relato é objeto de reflexão sobre alguma prática dos colegas, os autores nos ensinam a viver e a olhar o nosso jeito de viver, aprimorando assim a qualidade de estarmos no presente. No tempo da vida.

Apresento aqui um aspecto de cada texto para instigar o leitor a se beneficiar da riqueza produzida pelos autores.

Na introdução, Marlene Marra e Heloisa Fleury destacam a chama da transformação social em J. L. Moreno, origem da construção de sua metodologia. E refletem sobre aspectos teóricos que embasam as relações grupais.

Os capítulos se abrem com Zoltán Figusch, sociodramatista húngaro. Ele retrata a contemporaneidade sempre em movimento do sociodrama brasileiro, em uma “cultura colorida e fascinante”.

Adelsa Lima da Cunha traz a riqueza do processo do encontro do sociodramatista com seu grupo: medos, fantasias, dificuldades. De repente, espontânea, floresce numa linda sessão de integração de participantes na jornada de uma escola.

Marília Marino percorre o caminho de Adelsa com joias teóricas sobre os pontos mais relevantes do relato e ensina a cada passo trilhado.

Cida Davoli, coragem descolonizada, dirige na Itália pessoas do mundo inteiro. Seu trabalho é liberdade. A cena emerge da plateia e a plateia se faz cena. Não importa se a partir de uma frase, de uma fala, de um diálogo. Estimula a voz dos que querem dizer e não dizem.

Pedro Mascarenhas aponta possíveis desdobramentos metodológicos e desvela a dimensão política de uma direção brasileira instigante num país europeu, lidando com participantes do Primeiro Mundo.

Dalmiro Bustos nos mostra a possibilidade de realizar no caos o Encontro. O humano imerso no humano permitiu-lhe ir ao encontro de seu semelhante. Trata de pais – como é o seu caso – de filhos que foram para a guerra e com eles criaram saídas possíveis.

Marisa Greeb comenta o texto anterior e aponta a importância da sociologia e da filosofia na formação do psicodramatista.

Marlene Marra nos enriquece ao refletir sobre a utilização do grupo de ressonância como instrumento no trabalho com grandes grupos. Ajuda a sintetizar com clareza e vigor as descobertas surgidas durante o processo de desenvolvimento dos grupos.

Heloisa Fleury analisa o texto anterior retomando o conceito contemporâneo do conhecimento. Enfatiza a importância das

ações grupais que estimulam o espontâneo na construção de um saber coletivo.

O relato de Regina Fourneaut Monteiro flui. É de alguém que detém a chama dos valores vividos no cotidiano. O fato de ter ficado diante do Teatro Municipal, uma das catedrais da refinada cultura paulistana, e lidado com o desafio de propor um encontro para homens e mulheres que passavam por ali é a prova de que ela incorporou suas crenças.

Terezinha Baptista amplia a relevância do trabalho de Regina, revisita a metodologia sociodramática com base nesse encontro e aponta a transgressão/criação de técnicas sociodramáticas para atender às necessidades de grandes grupos na busca da cidadania.

Sergio Perazzo nos traz a riqueza do trabalho envolvendo as relações humanas: um sociodrama com congressistas espanhóis numa instituição em conflito. Que coragem, diretor! Em seguida, o autor nos relata um sociodrama que não acontece. Desvela a dança das relações humanas com base nos diferentes papéis: diretor, grupo, professores, supervisionandos.

Luís Falivene Alves reflete sobre o texto de Perazzo facilitado, como diz, pela afinidade. Num artigo harmonioso, aponta as questões relacionais que se estabelecem entre diretor e grupo. O autor nomeia “temadrama” os sociodramas com um tema inicial de investigação – os quais consistem em um importante trabalho de desenvolvimento para os grupos que, às vezes, por preconceito, é considerado menor.

Wilson Castello de Almeida, um diretor sociodramatista educador, mostra que o diretor deve ter cadência, contatar o grupo presente com um ritmo que permita a inclusão. Sem pressa. Que bom! Ele traz para o aquecimento uma ciranda. Aquece com alegria. O público participa. As frases finais revelam a profundidade do processo.

José Roberto Wolff segue os passos de Wilson Castello, seu interlocutor: é didata como ele e destaca a alegria, preceito fundamental moreniano.

Milene Féo traz para o Sociodrama a criação de suas cenas ancoradoras: “portos”. É a partir delas que os alunos, os partici-

pantes e o público podem se identificar, visitar o céu aberto de significados pessoais e grupais, e, assim, resignificar a vida.

No comentário de Anna Maria Knobel, a complexidade do movimento de Milene aparece. O avesso do avesso na aprendizagem do psicodrama. Viver múltiplas versões das múltiplas cenas. A desconstrução das certezas unificadoras com base nas dramaturgias ancoradoras pode permitir a todos voar.

Maria da Penha Nery e Marlene Marra, num texto primoroso sobre inclusão social e sociodrama, salientam a importância de uma consciência crítica para o sociodramatista, sem a qual arrisque a reproduzir o sistema de poder. A brecha do trabalho sociodramático está no processo contínuo de aprendizagem humana. E a identidade e a cultura podem ser empecilhos ou facilitadores para os encontros.

Marlene Marra, Liana Fortunato Costa e Marilene Grandesso finalizam o conjunto dos capítulos e conduzem uma brilhante conversa sobre cultura e significados.

Como pensar a cultura neste país, cuja população tem as mais diferentes origens e, portanto, linguagens, códigos e valores díspares? E o poder da cultura das classes dominantes?

Sabemos muito bem que as soluções prontas não realizam mudanças. A construção de um saber coletivo, surgido do cuidado com o vivido e com quem vive a experiência em questão – isso sim é transformador!

Quando terminei a leitura dos trabalhos realizados por meus colegas sociodramatistas, meu coração pulsou de esperança.

Este livro chega em boa hora!

Vivemos em cidades nas quais homens e mulheres, em situação de vulnerabilidade social nas ruas, são mortos enquanto dormem. Em cidades em que, para a limpeza do centro, lavam-se as ruas e as pessoas. Onde não há casas suficientes para todos. Onde as filas nos hospitais fazem os doentes desistirem ou morrerem de vez. Onde, nas escolas, muitos meninos e meninas inteligentes não se alfabetizam.

Precisamos nos empenhar em olhar, olhar de novo, nos deixar afetar por essa realidade doente, logo ali em nossa esquina. E procurar com todos os instrumentos e valores que a socionomia nos proporciona. Precisamos encontrar as pessoas. E, com elas, transformar a vida.

Maria Alice Vassimon
Psicopedagoga, psicodramatista e
especialista em trabalho terapêutico comunitário

Tendências atuais no campo das intervenções e da aplicação do sociodrama como método

Heloisa Junqueira Fleury e Marlene Magnabosco Marra

J. L. MORENO, AINDA NA DÉCADA DE 1930, propôs uma base conceitual para a transformação social. Na introdução de *Quem sobreviverá?*, ele nos relata como começou a procurar um procedimento terapêutico que facilitasse ao homem e aos grupos a busca de sua inclinação natural e suas tendências espontâneas. O método estaria baseado “nas afinidades entre as pessoas e nos padrões resultantes de suas interações espontâneas, padrões esses utilizados como guia para a classificação, para a construção e, quando necessário, para a reconstrução dos agrupamentos” (Moreno, 2008, p. 44).

Quando Moreno, na aplicação do método do sociodrama, considerou toda a plateia como atores sociais, agentes terapêuticos, ele tinha a certeza de que, ao ampliar a subjetividade do sujeito no compartilhamento de suas emoções, histórias, percepções, estaria alargando a capacidade e expansividade desses sujeitos, buscando uma interação que fosse mais eficaz para eles próprios. Expansividade, segundo Moreno (1992), é a capacidade de o indivíduo manter a afeição de outros por determinado período.

Assim, em uma intervenção grupal, todos são protagonistas ou, então, são representados por eles, mediante espaços de inter-

secção e ressonâncias presentes na interação. Os participantes dividem um espaço de subjetividade na situação experimental. Constroem um contexto real, e a capacidade afetiva se expande, pois a aplicação do método está sempre baseada em princípios sociométricos e nas estruturas conceituais complementares.

Moreno desenvolveu técnicas que favoreciam a busca de uma produção grupal espontânea, ancoradas no que denominou “princípio da espontaneidade”. Adotou também o princípio da liberdade, garantindo que cada um, além de imprimir sua intenção, fosse também autor, diretor e apresentador da produção. Diante de correntes psicológicas contraditórias e conflituosas que surgiram em decorrência, buscou uma técnica da liberdade que equilibrasse as forças sociais espontâneas, proporcionando unidade ao todo. Nessa época, nomeou “unidade orgânica e social da humanidade” esse organismo unitário com princípios de organização conhecidos, condição essencial para a aplicação de um procedimento que pudesse ser chamado de terapêutico, por ter como objetivo a humanidade (Moreno, 2008, p. 46-7).

O alto grau de participação espontânea permite ao participante fazer cada vez mais escolhas sociométricas, de tal modo que a gama de papéis e o aumento da expansividade possibilitem ao indivíduo mostrar-se com maior desprendimento. Essa é a referência para os preceitos éticos reguladores desse movimento: 1) dê verdade e receba verdade; 2) dê amor para o grupo e ele lhe devolverá amor; 3) dê espontaneidade e ele lhe retornará, resultando em uma mudança social. O contexto é transformado em um palco multidimensional, cedendo espaço e liberdade à espontaneidade expressa no movimento, ação e interação entre as pessoas.

Moreno foi bastante enfático quando afirmou que mudanças sociais implicam uma ação aqui e agora, com as pessoas e por meio delas (2008, p. 143-5). Considerou que o sociodrama poderia ser um dos instrumentos científicos de ação social, com caráter preventivo, didático ou mesmo de reconstrução de uma comunidade, pelo fato de que suas produções e soluções originam-se do próprio grupo.

Ao buscar um corpo teórico consistente, Moreno também elaborou referências para a compreensão do desenvolvimento infantil. Julgou que os primeiros padrões relacionais são desenvolvidos no relacionamento do recém-nascido com seu contexto, no processo nomeado “matriz de identidade”. Assim, essas primeiras estruturas interpessoais são formadas com componentes biológicos, psicológicos e sociais, influenciando as interações sociais ao longo da vida.

No processo de desenvolvimento, a criança interage com os cuidadores, que fornecem todo o contexto sociocultural circunvizinho ao espaço inter-relacional. Naffah Neto (1997, p. 125) compreende que Moreno transferiu o conceito de inconsciente para uma dimensão intersubjetiva. Dessa maneira, a dimensão intrapsíquica é expandida para incluir conservas culturais com raízes na cultura, com suas regras, prescrições, tabus e ideologias.

No campo biológico, essas concepções teóricas correspondem à operação de um sistema de neurônios-espelho no cérebro, os quais foram reconhecidos, no início da década de 1990, como a base neurológica de como compreendemos as ações de outro ser humano, o que pode explicar nossas habilidades sociais (Hug, 2008). Atuam desde o começo da vida social, favorecendo a criação de um espaço intersubjetivo. Podem, porém, levar a percepções distorcidas em razão de diferenças entre as pessoas, o que tende a se acentuar quando são de culturas diversas.

O espaço do sociodrama possibilita, por sua vez, a validação e a resolução desse conflito, uma vez que as ações expressas no movimento intersubjetivo do grupo esclarecem as diferenças e modificam as conservas culturais, permitindo ao grupo expandir suas concepções acerca de suas dificuldades.

No processo interativo, todas as ações são influenciadas por padrões relacionais desenvolvidos desde o início da vida, assim como ocorre com a criação de imagens, sentimentos, intuições, os quais podem ser compreendidos como manifestações de estados coconscientes e inconscientes.

Esses estados, relativos aos fenômenos entre pessoas e dentro dos grupos, medeiam padrões relacionais. Para Moreno (1961),

no primeiro encontro de dois indivíduos, esses estados vão sendo reforçados. O autor ressalta que os estados coinconscientes resultam não só do contato direto entre pessoas próximas, mas também de experiências compartilhadas de natureza social e cultural, nas quais há um contato indireto, transpessoal ou simbólico. Nesse campo, surge uma interpsique cultural, viabilizando o sociodrama de grupos maiores (Moreno, 1961).

Quando um grupo se encontra pela primeira vez, uma fina ligação começa a crescer entre os participantes. Essa rede preliminar origina-se dos subgrupos, mas vai se fortalecendo, de acordo com a experiência precedente ou coordenação do grupo. A rede é influenciada pelo ambiente, história do grupo, similaridades e diferenças entre os participantes, líder, determinantes políticos e/ou sociais etc. (Rodrigues, 2005). O que ocorre é similar ao que Moreno (1993) explica como lei ou efeito sociodinâmico: grupos criam uma rede de conexões que seguem leis e regras específicas para eles. Parte desse conteúdo é consciente, como o objetivo da reunião. Outras partes são inconscientes, como mitos, códigos etc. Os estados coinconscientes podem facilitar (ou não) a constituição e a manutenção do grupo (Rodrigues, 2005).

As emoções dos participantes estimuladas pela rede télica no grupo podem criar estados subjetivos similares em alguns deles. O foco nessa rede proporciona organização às experiências, emoções, pensamentos e sensações, transformando esse conteúdo coinconsciente no material compartilhado. Knobel (2007) compreende que tal experiência promove a familiaridade, a intimidade e a fusão momentânea, o sentimento de compreender o outro. Para a autora, na atividade sociopsicodramática, o compartilhamento de cenas no aqui e agora abre canais para novos papéis espontâneos.

Moreno (1961) conceituou uma interpsique cultural, resultante dos estados coinconscientes provocados por experiências compartilhadas de natureza social e cultural. Atualmente, novos referenciais para a compreensão de processos inconscientes de transmissão de experiências sociais e culturais estão sendo desen-

volvidos e confirmam a importância dessa dimensão no trabalho com qualquer população.

O profissional de saúde mental, perante uma população mais oprimida, corre o risco de ter bloqueada sua habilidade para ouvir situações relativas a essa opressão, uma vez que profundas emoções associadas à raça, à cultura, ao sexo e outras diferenças sociodemográficas tendem a não ser abertamente discutidas. São necessárias intervenções que validem as diferenças, distinguindo problemas intrapsíquicos daqueles próprios da opressão (Sue e Sue, 2008).

A cultura pode ser examinada segundo duas dimensões: a objetiva, representada pelas artes plásticas, pela literatura etc.; e a subjetiva, concernente a valores, crenças, atitudes, comportamentos, padrões de verbalização e maneirismos. A cultura subjetiva, mais do que ser atribuída a características pessoais, tem origem política e social (Purnell e Paulanka, 2008).

O sociodrama naturalmente evidencia a dimensão relacional (expressa nos estados coconscientes e inconscientes) e a dimensão sociocultural (atentando para as diferenças sociodemográficas e a cultura subjetiva da população). Quando pensamos em organizar este livro, queríamos dar visibilidade às tendências atuais desse método, desenvolvido por J. L. Moreno ainda na década de 1930.

Consideramos essencial iniciar com a apresentação do modelo contemporâneo de sociodrama brasileiro. Adotamos um olhar distanciado – de um estrangeiro, com outras referências de formação – e, ao mesmo tempo, um olhar próximo, pelos muitos entrelaçamentos da experiência do Zoli Figusch com a prática sociodramática brasileira.

A seguir, convidamos um seleto grupo de brasileiros – dentre os quais o querido brasileiro-argentino Dalmiro Bustos – a “brindar” o sociodrama: a uma parte deles, coube o compartilhamento das intervenções sociodramáticas; aos demais, o processamento (o olhar distanciado).

Finalizamos com algumas reflexões sobre a diversidade contemporânea, tanto a cultural como a relativa aos olhares atuais sobre a prática grupal.

Poderemos identificar marcadores do sociodrama brasileiro nas experiências relatadas e processadas neste conjunto de textos? Nossa esperança é de que identifiquemos muitos diferenciais, possibilitando um detalhamento teórico-metodológico que eleve esse método proposto por Moreno ao seu lugar de instrumento por excelência para o desenvolvimento sociocultural da sociedade.

Nosso objetivo maior é responder ao sonho de Moreno, afirmando que, na década de 2010, o sociodrama tornou-se um dos instrumentos científicos de ação social.

“I have a dream...”

Martin Luther King Jr. (1929-68)

Referências bibliográficas

- HUG, E. “Neurônios-espelho e o espaço intersubjetivo”. In: FLEURY, H. J.; KHOURI, G. S.; HUG, E. (orgs.). *Psicodrama e neurociência*. São Paulo: Ágora, 2008, p. 31-48.
- KNOBEL, A. M. “Sociometric scenarios and psychotherapy”. In: BAIM, C.; BURMEISTER, J.; MACIEL, M. (eds.). *Psychodrama: advances in theory and practice*. Londres: Routledge, 2007, p. 215-25.
- MORENO, J. L. “Interpersonal therapy and co-unconscious states: a progress report in psychodramatic theory”. *Group Psychotherapy*, v. 34, n. 3-4, p. 234-41, set./dez. 1961.
- _____. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. 2. ed. rev. Campinas: Psy, 1993.
- _____. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama*. São Paulo: Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento, 2008 (edição do estudante).
- _____. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Goiânia: Dimensão, 1992.
- NAFFAH NETO, A. *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus, 1997.
- PURNELL, L.; PAULANKA, B. *Transcultural health care*. 3. ed. Filadélfia: Davis Company, 2008.
- RODRIGUES, R. A. “A escolha profissional na cena do teatro de reprise”. In: FLEURY, H. J.; MARRA, M. M. (orgs.). *Intervenções grupais nos direitos humanos*. São Paulo: Ágora, 2005, p. 69-91.
- SUE, D. W.; SUE, D. *Counseling the culturally diverse: theory and practice*. 5. ed. Hoboken: John Wiley, 2008.

O modelo contemporâneo de sociodrama brasileiro¹

Zoltán (Zoli) Figusch

DEPOIS DAS TENTATIVAS INICIAIS de Guerreiro Ramos de introduzir a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama em seu trabalho social com relações raciais (Malaquias, 2007), a chegada definitiva ao Brasil dos métodos de ação de Moreno aconteceu em 1967, graças a Rojas-Bermúdez, professor e pesquisador de origem colombiana/argentina. Na sequência de uma série de sessões públicas de psicodrama dirigidas por ele, Rojas-Bermúdez foi convidado a treinar profissionais em psicodrama terapêutico, tornando seus estudantes os pioneiros do movimento psicodramático brasileiro (Pamplona da Costa, 2005a).

Possivelmente devido à brutal opressão da ditadura militar (1964-85) a qualquer tipo de reunião grupal, o método de Moreno, de início, foi praticado principalmente com intenções psicoterapêuticas, ficando restrito aos consultórios, clínicas particulares e hospitais psiquiátricos. De acordo com Mascarenhas (2008), por mais que isso tenha sido necessário para a sobrevivência do método, custou-lhe a diminuição de seu potencial e impacto social,

1. Artigo originalmente intitulado “The Brazilian contemporary model of socio-drama”. In: WIENER, R.; ADDERLY, D.; KIRK, K. (orgs.). *Sociodrama in a changing world*. Trad. Ricardo Florez. Reino Unido: edição do autor, 2010.

tornando-se mais um método de psicoterapia de caráter elitista e, assim, disponível para poucos.

Entretanto, com as mudanças políticas dos anos de 1980, houve um *boom* de métodos de ação, e sua utilização foi expandida para grupos maiores e espaços comunitários mais abertos. Em resposta ao chamado de Moreno, profissionais levaram os métodos de ação para além das paredes dos consultórios, atingindo maior parcela das comunidades e da sociedade. O método desenvolveu-se e ganhou um caráter mais socioeducativo e político, com forte potencial de mobilização social, chamando a atenção para os problemas socioculturais que pulsam no contexto da vida existencial, social e institucional desta nação cheia de contradições, contrastes e com diversidade extraordinária. Emerge, então, um arranjo colorido de práticas sociodramáticas², as quais, em sua essência, parecem mais proximamente relacionadas às origens dos métodos de ação e à matriz moreniana inicial de teatro espontâneo (Chaves Vale, 2001).

Knobel (2009) descreve o modelo conceitual brasileiro de sociodrama como um dispositivo teórico e prático que, conquanto fiel às ideias originais de Moreno, foi também continuamente desenvolvido e refinado. Neste capítulo, tentarei apresentar uma visão geral desse modelo, introduzindo as estruturas teóricas que lhe dão suporte, bem como as diferentes formas de sua aplicação prática.

O eixo teórico do modelo brasileiro de sociodrama

O lugar do sociodrama no projeto sacionômico de Moreno

O *projeto sacionômico* de Moreno explora as leis de desenvolvimento social e o desenvolvimento de relações sociais (as leis que

2. Em consequência de os métodos de ação serem inicialmente introduzidos na prática psicoterápica (*psicodrama*) e apenas mais tarde passarem a ter um objetivo social mais amplo (*sociodrama*), no Brasil o termo “psicodrama” tornou-se genérico, sendo frequentemente usado, também, para descrever trabalhos sociodramáticos. (Mais recentemente, alguns autores começaram a usar o termo “sociopsicodrama”). Para não confundir o leitor com a terminologia, usarei o termo “sociodrama” em todo o capítulo.